

Capítulo 1

Quando era uma criança, e pensava como uma criança, e falava como uma criança, Jane Frost apaixonou-se pelo caçador do filme de Charles Laughton. Durante anos contou histórias à sua boneca na margem do rio, escreveu nos dedos palavras misteriosas com tinta azul, e procurou-o nas sombras do seu quarto, com medo e desejo, enquanto ao longe se ouvia o som sempre igual de uma máquina de escrever ou alguém que assobiava debaixo da janela.

Naquele entardecer, muito tempo depois, sentada nos degraus do alpendre, os pés descalços muito frios, os braços enlaçando as pernas, começou a cantar baixinho *leaning, leaning*, esperando ainda ouvir o seu canto ao longe, porque tinha a certeza de que ele se escondera nos arredores, vigiando a casa, e que voltaria de um momento para o outro, talvez para matá-la, talvez para pegar-lhe ao colo e levá-la para a cama, e fazerem amor, e era isso o que mais desejava, mesmo que dias depois a encontrassem no fundo do rio, com o cabelo ruivo espalhado na água como ervas dos prados. Mas a noite envolveu a

casa e ele não veio, o frio aumentou, já não sentia os pés, e cantava ainda baixinho, à espera, porque se parasse de cantar estaria perdida, cortaria o ténue fio que a prendia a ele, o seu monstro de voz magnética e mãos enormes, ele não tinha nada escrito nos dedos, ainda não, mas dissera-lhe logo no princípio um dia vou matar-te, e ela dissera eu sei, mas não sabia nada, não sabia que ele ia matá-la assim, com a sua ausência, quando não podia respirar sem ele, nem levantar-se, nem ir comer, nem dormir sem ele; e no entanto acabou por adormecer, o corpo de lado, no chão do alpendre, os braços envolvendo as pernas, quando despertou estava mais escuro e não havia estrelas, o mar ouvia-se com tanta força que parecia estar mesmo por trás da casa, debaixo da casa, levantou-se e deu alguns passos com os pés dormentes, entrou no vestíbulo às escuras, arrastou-se até ao quarto e deixou-se cair na cama, por momentos teve a impressão de sentir o seu cheiro, mas não era possível, ele não tinha cheiro, era uma das características dos monstros, descobrira-o logo no primeiro dia, ou na primeira noite, era uma característica dos monstros, como as mãos muito grandes e informes, como os pés, como o sexo.

Gostava de vê-lo tomar banho, ficava em pé junto à porta, o pé esquerdo um pouco adiante do outro, e ele dizia-lhe que parecia um anjo numa pintura italiana do século quinze, e ela não dizia nada, estava demasiado ocupada a olhá-lo, com o ar ligeiramente divertido do cachorro que vê pela primeira vez o dono nu, então tu és assim. Gostava de observar o seu corpo enquanto tomava banho, ele era alto e o cabelo era de um louro-escuro, nas têmperas começava a ficar branco, o rosto curtido pelo

sol, os olhos azuis, a boca de lábios finos e trocistas. Não muito diferente da foto na contracapa dos livros, nessa foto tinha trinta e seis ou trinta e sete anos, agora tinha quarenta e oito, escrevera sete livros mas a foto na contracapa era sempre a mesma, um homem atraente de olhos azuis, claro que ela nunca pudera imaginar quando lia os seus livros que ele era um monstro, fora depois ao ouvir a sua voz, ao sentir a sua proximidade, o seu hálito, as suas mãos na cintura, a sua boca, e depois quando o vira nu, longamente, e as mãos tinham-se transformado naquilo que eram, grandes e quase informes, como se o seu corpo não estivesse terminado, as mãos, os pés e o sexo eram muito grandes e quase metiam medo, pensara uma vez que talvez pressentissem o monstro que havia nele, e que um dia o resto do corpo tornar-se-ia assim, assustador, e não queria pensar em como seriam os seus olhos. E ao mesmo tempo sabia que tinha de ficar ao seu lado para sempre, ler os livros que escrevia e ver os seus olhos ficarem cada vez mais terríveis, mais azuis e menos humanos, enquanto ele ouvia o *Mikado*, *Defer, defer, to the Lord High Executioner*, sozinho no quarto, e ela esperava sentada no chão, junto à porta, como um cachorrinho, esperava que viesse ter com ela e a beijasse ou lhe fizesse mal; e um dia vê-lo-ia morrer, com o mesmo interesse com que o via tomar banho, e no mesmo dia todos os anos iria pôr flores no seu túmulo. Junquinhos e frésias, íris, talvez rosas.

Leaning, leaning, safe and secure from all alarms, cantava Robert Mitchum do outro lado da noite, do outro lado das rochas; e Jane sentada no alpendre na velha cadeira de braços, com a pistola no colo, a que Tom

tinha sempre consigo, no apartamento em Londres, no porta-luvas do automóvel, na gaveta do quarto de dormir na casa de praia, e os dois cantavam o mesmo hino, mas agora ele cantava uma coisa diferente, ameaçadora, *Defer, defer, to the Lord High Executioner, defer, defer, to the noble Lord, to the noble Lord High Executioner*, e ela despertou assustada, sozinha na cama, vestida, os corsários de ganga desbotada, a T-shirt branca que tinha escrito *99% Angel*, o casaco de malha preto, os pés muito sujos e ainda gelados. Mas já era manhã, uma fria manhã de Janeiro, o céu de um azul muito pálido, algumas nuvens cinzentas, os ramos de lilases secos do outro lado da janela. Levantou-se mecanicamente e tirou a roupa, entreabriu a janela e sentiu o ar muito frio, o cheiro do mar, o som das ondas ouvia-se nitidamente, sem saber porquê pensou no som de uma máquina de escrever.

Tomou um duche bem quente; ele tomava sempre banho de imersão, ela ficava na cama enquanto ele tomava banho, isso quando não o seguia, ficava na cama e ele voltava depois, molhado ainda, envolto no velho roupão turco, de um verde muito forte, rasgado no ombro. Deitava-se em cima dela e o cabelo molhado deixava gotinhas no seu peito, nos seus seios que depois que o conhecera tinham ficado mais redondos, mais pesados, Jane passava-lhe os dedos pelos cabelos e deixava-se ficar assim, feliz, e por vezes ele adormecia de novo, e ela sentia a água que atravessava o roupão e a camisa de dormir e lhe humedecia o corpo. Era nesses momentos que o amava como a um menino, um rapazinho cansado e mau, que tinha um sono agitado, por vezes acordava de noite e o sono dele era tão agitado que a comovia, que pe-

sadelos dormiam com ele, fazia-lhe uma carícia no ombro, no cabelo, e aos poucos o sono dele tornava-se compassado, quase tranquilo, e ela adormecia também.

Vestiu uns jeans e uma camisola branca, uns ténis velhos e sujos, a gabardina cinzenta, e desceu a escada. Prendeu o cabelo na nuca, à frente do espelho do vestíbulo, os olhos pensativos procurando qualquer coisa atrás do seu vulto. Não comia nada desde o almoço do dia anterior, mas algo a impelia para fora, desceu os degraus do alpendre deixando a porta aberta atrás de si, não havia nada para roubar, e de qualquer forma nunca havia ninguém por ali, não no inverno, os longos invernos muito frios, o nevoeiro; alguns minutos depois estava na beira da falésia, imóvel em frente do mar agitado, as ondas altas, a espuma humedecia-lhe o cabelo, o rosto. Era um lugar agreste, a costa rochosa, sem vestígios de areia, onde cresciam gerânios selvagens e uma variedade de saxífraga com minúsculas flores azuis. Havia um caminho escorregadio que descia para o mar, era mais fácil mergulhar de bem alto, e era sempre complicado sair da água, as ondas arrastavam para longe e não havia nada a que se agarrar. Jane começou a caminhar ao longo das rochas que se estendiam a perder de vista, de vez em quando surgia uma enseada onde o mar entrava violento, arrastando as pedras, pensou vagamente que seria bom encontrar o seu cadáver, seria bom que ele se tivesse afogado e o mar trouxesse de volta o seu cadáver, e ela ficaria muito tempo de joelhos, com a sua cabeça no colo, tentando compreender a sua morte.

Mas ele estava vivo, e isso era insuportável, ele estava vivo nalguma parte e ela estava sozinha, as gaviotas